

TÊXTEL

ALGODÃO

Principal Matéria-Prima Têxtil

ESTUDOS SETORIAIS

3143

INDÚSTRIA TÊXTIL

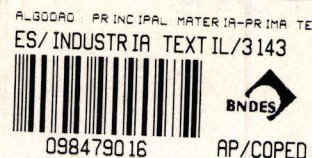
ex.1

AO1 / GESET 2

TÊXTEIL

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	01
2. IMPORTÂNCIA DO ALGODÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL	02
3. PANORAMA MUNDIAL	05
3.1. Indicadores Mundiais	05
3.2. Perspectivas Mundiais	11
4. PANORAMA NACIONAL	12
4.1. Produção	15
4.2. Área Plantada	16
4.3. Produtividade	20
4.4. Importação	23
5. PONTOS FORTES E FRACOS DA COTONICULTURA NO BRASIL	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28



TÊXTEL

ALGODÃO: PRINCIPAL MATÉRIA-PRIMA TÊXTIL

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo analisar o mercado de algodão tanto a nível nacional como mundial, tendo em vista ser a principal matéria-prima utilizada pela indústria têxtil.

O algodão é uma fibra natural, de origem vegetal, fina, de comprimento variando entre 24 e 38 mm. Por não ter grandes exigências em relação a clima ou solo, pode ser produzido em praticamente todos os continentes. No entanto, é uma planta de cultura delicada e muito sujeita a pragas, sendo grande consumidora de desfolhantes, herbicidas e fungicidas.

O algodão é uma commodity, com preço regulado pela oferta e demanda, além de sua classificação de qualidade, especialmente em relação às características da fibra e do teor de impurezas presentes na matéria-prima (fardos).

O algodão, tradicionalmente, predominava no segmento de confecção de artigos para vestuário, sobretudo, nos países de clima quente. Entretanto, com o advento e a rápida popularização dos tecidos de fibras sintéticas, ocasionou uma redução relativa do consumo de algodão.

TÊXTIL

INTRODUÇÃO

A partir da década de 70, contudo, a crescente preferência por produtos naturais, a relativa abundância da produção mundial de algodão, os preços estáveis do produto, e a consolidação do *jeans* fizeram ressurgir a preferência pelos tecidos de algodão.

Até meados de 80 o Brasil era auto-suficiente na produção de algodão, com uma produção de aproximadamente 970 mil toneladas em 1985 para um consumo de 630 mil toneladas.

Este quadro invertou completamente após este período: a produção caiu vertiginosamente, atingindo 565 mil toneladas em 1995, com importações da ordem de 350 mil toneladas.

Nestes termos, este trabalho analisa os principais problemas da cotonicultura brasileira e propõe algumas medidas que poderiam ser adotadas para o aumento da produção brasileira, no sentido de aumentar não só a competitividade do setor mas também de toda a cadeia têxtil nacional.

2. IMPORTÂNCIA DO ALGODÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL

O algodão é uma fibra que possui grande participação na indústria têxtil nacional como mundial.

Os dados a seguir espelham a relevância do algodão na produção e consumo de fibras naturais e químicas utilizadas no complexo têxtil, em 1995, representando:

TÊXTIL

- 46% da produção mundial de fibras naturais e químicas (artificiais e sintéticas);
- 57% da produção brasileira de fibras naturais e químicas;
- 93% da produção nacional de fibras naturais, considerando lã, rami, seda e juta;
- 60% do consumo brasileiro de fibras;
- 24% das importações brasileiras de todos os produtos têxteis, tendo já alcançado 55% em 1993. Em 1993, as importações de fibras de algodão atingiram US\$ 646 milhões, caindo para US\$ 549 milhões em 1995.

As principais vantagens comparativas do algodão em relação às fibras artificiais e sintéticas decorrem principalmente no conforto dos itens confeccionados, principalmente nos países de climas quentes, como também nos aspectos ambientais, pois são biodegradáveis.

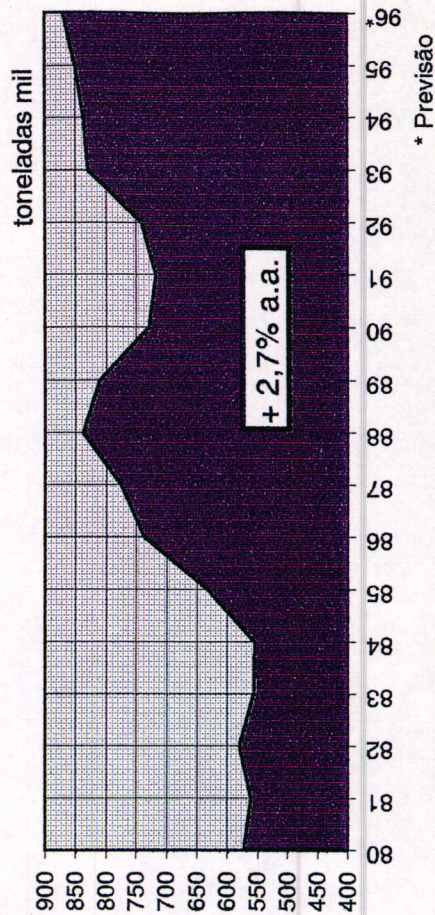
Atualmente, o algodão responde por cerca de 80% das fibras utilizadas nas fiações brasileiras. Na tecelagem, 65% dos tecidos são produzidos a partir de fios de algodão, enquanto que na Europa, este percentual é de aproximadamente 50%.

Ressalte que estes percentuais, que são bastante elevados, têm apresentado ligeiro decréscimo nos últimos anos face ao aumento da participação das fibras artificiais e sintéticas na produção de tecidos.

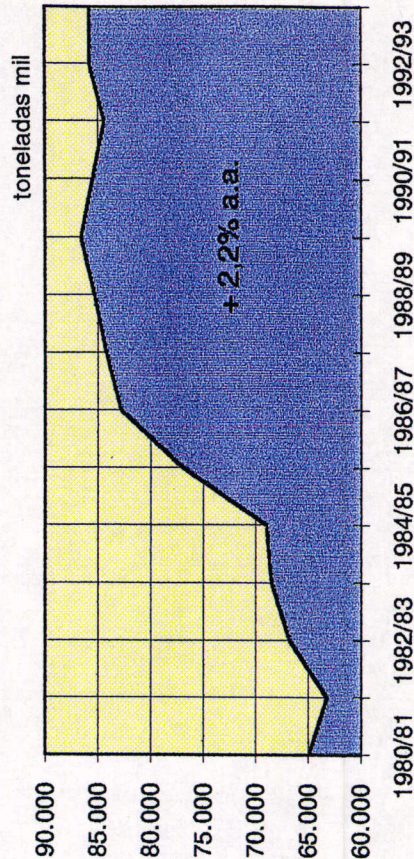
O consumo brasileiro tem aumentado em torno de 2,7% a.a. nos últimos 15 anos, ao passo que o consumo mundial tem crescido a 2,2% a.a.

TÊXTIL

IMPORTÂNCIA DO ALGODÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL



Apesar do crescimento negativo no período 1989/91, ocasionado pela recessão econômica derivada da implantação do Plano de Estabilização Econômica, o consumo nacional já está convergindo para sua trajetória de crescimento.



TÊXTIL

O algodão se destaca praticamente em todos os segmentos que o Brasil apresenta competitividade internacional, quais sejam: indigo, brins, cama, mesa e banho, t-shirt, etc.

Por exemplo, as exportações brasileiras de tecidos em 1995 totalizaram US\$ 271 milhões, das quais US\$ 213 milhões foram em tecidos de algodão (79%) correspondendo ao mesmo patamar de 1992.

Por outro lado, as importações de tecidos de algodão que foram de apenas US\$ 5,4 milhões em 1992 atingiram US\$ 109 milhões em 1995.

3. PANORAMA MUNDIAL

3.1. Indicadores Mundiais

A tabela 1 apresenta os principais indicadores mundiais da cultura algodoeira em termos de área plantada, produção, consumo e estoque no período 1981/95.

Em termos de produção, verifica-se que algumas variedades de algodão, produzidas no Egito e no Peru, apresentam fibras longas e características necessárias para a produção de fios finos e resistentes, matéria-prima para tecidos de qualidade superior.

No período 1980/95, a produção algodoeira mundial apresentou uma taxa média de crescimento de 2% a.a.

Especificamente, no período 1992/94, houve uma queda de aproximadamente 15% na produção mundial, situando-se num patamar inferior ao consumo, e, conseqüentemente, reduzindo os níveis de estoques.

A principal causa da queda da produção mundial, neste período, foi a redução da produção dos grandes produtores como Índia, China, Uzbequistão e Paquistão. Estes países tiveram suas safras comprometidas devido a problemas climáticos e, principalmente, problemas fitossanitários face à manifestação de insetos, provocando uma redução da ordem de 25% em suas safras.

Esse quadro colocou os Estados Unidos como um dos poucos a disporem do produto juntamente com a ex-União Soviética.

Diferentemente da produção que tem apresentado grandes oscilações, o consumo de algodão apresenta-se relativamente constante desde 1986, girando em torno de 18 mil toneladas/ano.

TÊXTIL

Tabela 1
Indicadores mundiais

Ano	Área (ha mil)	Produção (t mil)	Consumo (t mil)	Estoque (t mil)
1980/81	32.055	13.849	14.148	4.524
1981/82	32.978	14.943	13.768	5.612
1982/83	31.482	14.518	14.546	5.611
1983/84	30.883	14.332	14.913	5.327
1984/85	33.609	19.301	15.020	9.579
1985/86	31.457	17.481	16.745	10.516
1986/87	29.214	15.372	18.023	7.781
1987/88	30.793	17.660	18.326	7.132
1988/89	33.676	18.381	18.566	6.922
1989/90	31.482	17.371	18.853	5.707
1990/91	33.073	18.938	18.615	6.204
1991/92	34.710	20.894	18.378	8.838
1992/93	32.684	17.970	18.675	8.401
1993/94	31.485	17.678	18.696	7.334
1994/95*	32.058	18.695	18.455	7.827

Fonte: BNDES/USDA

Nota: (*) extraído da revista COTTON: Review of the World Situation

TÊXTEL

Os principais produtores mundiais estão listados na tabela 2.

Observa-se que os Estados Unidos atualmente é um dos principais produtores e exportadores de algodão, uma vez que as produções da China e da Índia são destinadas basicamente ao consumo doméstico.

Tabela 2
Principais Países Produtores e
Consumidores de Algodão
1994/95*

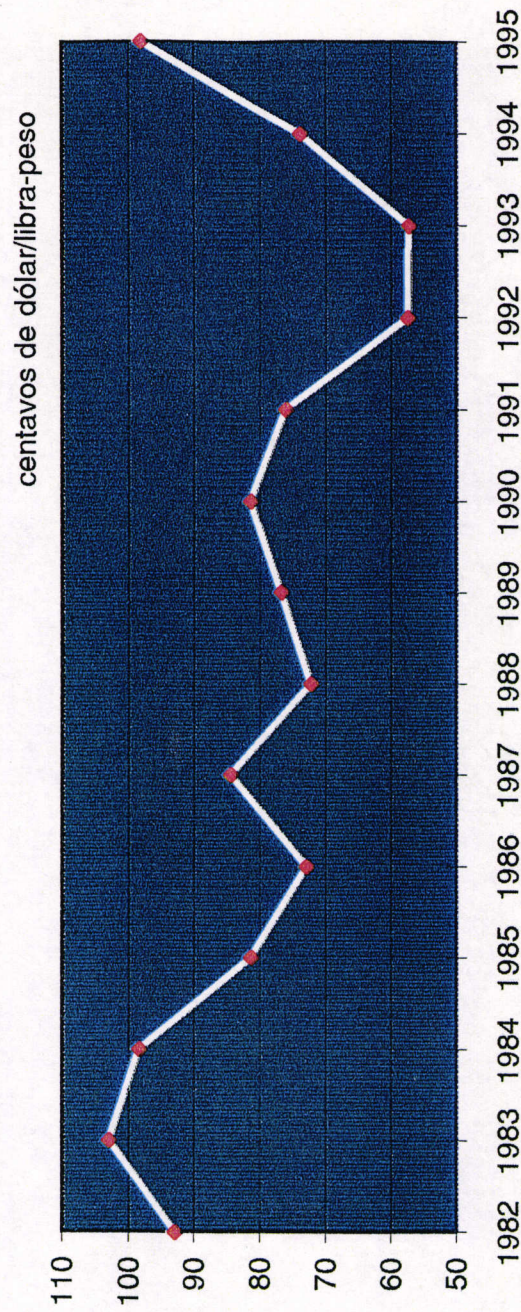
Países	Produção	Consumo
China	4.341	4.240
Estados Unidos	4.281	2.437
Índia	2.380	2.243
Paquistão	1.479	1.575
Uzbequistão	1.260	170
Turquia	628	800
Brasil	526	858
Turcomenistão	350	24
Austrália	335	34
Egito	254	270
Outros	2.861	5.804
Total	18.695	18.455

Fonte: COTTON: Review of the World Situation - set-out/95
(*) valores estimados

TÊXTEIS

Em consequência da queda de produção e redução dos estoques mundiais, os preços internacionais aumentaram substancialmente. Em 1995, o algodão alcançou seu maior preço nos últimos 14 anos, quando atingiu cerca de US\$ 1,06 a libra-peso. Atualmente, os contratos para outubro/96, em Nova York, estão por volta de US\$ 0,77 a libra-peso.

Gráfico 3
Preços Internacionais de Algodão

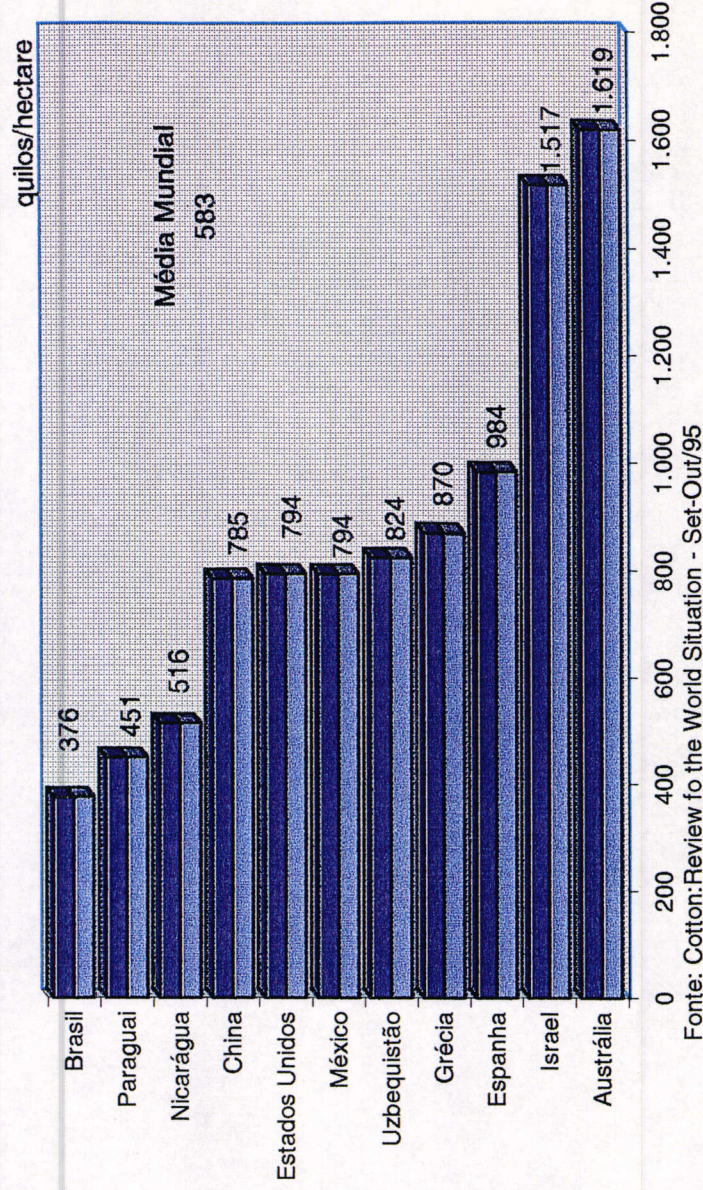


Nota: Média anual em dólares deflacionados pelo Índice de Preços no Varejo (CPI-U)

Em termos de produtividade, os melhores índices na lavoura algodoeira são da Austrália, Israel e Espanha. A média mundial é de aproximadamente 583 kg/hectare.

Observa-se que a produtividade brasileira é baixa em relação aos principais produtores mundiais e até mesmo em comparação aos países da América do Sul, superando apenas Equador e Uruguai.

Gráfico 4
Produtividade Mundial -
1994/95



TEXTEL

3.2. Perspectivas Mundiais

As principais tendências a nível mundial, são:

- ➔ aumento da produção mundial: o aumento das cotações internacionais, nestes dois últimos anos, estimulou o plantio do algodão em diversos países, aumentando substancialmente a área plantada e a produção;
- ➔ nos Estados Unidos, embora sua área plantada tenha aumentado na safra 95/96, a produção deverá ficar no mesmo patamar da safra anterior, face aos problemas climáticos;
- ➔ aumento da área plantada em resposta aos aumentos de preços ocorridos em 1993/94 e 1994/95, devendo atingir aproximadamente 36 milhões de hectares em 1995/96;
- ➔ aumento dos estoques devido ao aumento da produção. Conseqüentemente os preços tenderão a cair em relação a 1995, o que já está acontecendo em 1996;
- ➔ a previsão de produtividade média mundial é de queda, face aos problemas contínuos de doenças na cultura algodoeira na China, Índia e Paquistão;
- ➔ o consumo deverá ser crescente, principalmente nos grandes países consumidores como China e Estados Unidos; e,
- ➔ no início do próximo século, alguns estudos indicam que a demanda mundial de algodão deverá superar a oferta.

TÊXTEIL

Tabela 3
Tendências Mundiais

Item/Ano	Un.	1994/95			1995/96			1996/97			c/b	
		a			b			c			%	
Área	ha mil	32.058			34.607			36.169			8,0	4,5
Produção	t mil	18.695			19.232			20.452			2,9	6,3
Consumo	t mil	18.455			19.001			19.487			3,0	2,6
Estoque	t mil	7.827			8.173			9.107			4,4	11,4
Produtividade	kg/ha	583			556			565			-4,6	1,6

Fonte: COTTON: Review of the World Situation - Set/Out-1995

4. PANORAMA NACIONAL

Na década 70, a indústria têxtil brasileira teve grande crescimento em virtude da realização de investimentos em modernização, dos baixos custos de mão-de-obra e da disponibilidade do algodão.

Além de auto-suficiente na produção de algodão, o Brasil era importante exportador, até meados da década de 80. O país comercializava o algodão seridó, um produto de alta qualidade e única variedade arbórea ainda existente no mundo. Cultivado na Região Nordeste, o algodão seridó caracterizava-se pelas fibras longas e de alta resistência. Embora a cultura nordestina fosse de baixa produtividade, este algodão era bem cotado no mercado internacional.

TEXTEIL

A partir de meados da década de 80, a cotonicultura brasileira mudou seu perfil completamente, passando a produzir quase que exclusivamente o algodão de fibras curtas derivado da cultura herbácea, pois o algodão seridó praticamente foi extinto, devido à praga do bocado que devastou a cultura nordestina.

Nos anos 90, a situação agravou-se ainda mais, passando, a cada ano, a ter um desempenho pior.

A tabela e o gráfico a seguir mostram o quadro de suprimento de algodão em pluma no Brasil, onde evidenciam claramente a crise da cultura algodoeira no Brasil.

Tabela 4

Brasil: Suprimento de Algodão em Pluma

Anos	Produção	Importação	Consumo	Exportação	Estoque
1980	577,0	0,0	572,0	9,0	114,0
1981	594,4	2,0	561,0	30,8	118,6
1982	680,5	0,0	580,6	56,5	162,0
1983	586,3	2,4	556,7	180,2	13,8
1984	674,5	7,8	555,2	32,3	108,6
1985	968,8	20,5	631,4	86,6	379,9
1986	793,4	67,4	736,6	36,6	467,5
1987	633,4	30,0	774,7	174,0	182,2
1988	863,6	81,0	838,0	35,0	253,8
1989	709,3	132,1	810,0	160,0	125,2
1990	665,7	86,0	730,0	110,5	36,4
1991	717,0	105,9	718,1	124,3	16,9
1992	667,1	167,8	741,6	33,8	76,4
1993	420,2	495,4	829,5	7,4	155,1
1994	483,1	420,4	836,6	4,3	217,7
1995	565,2	350,0	850,0	45,0	237,9
1996*	486,1	370,0	870,0	10,0	214,0

Fonte: BMF - CONAB - Dez/95

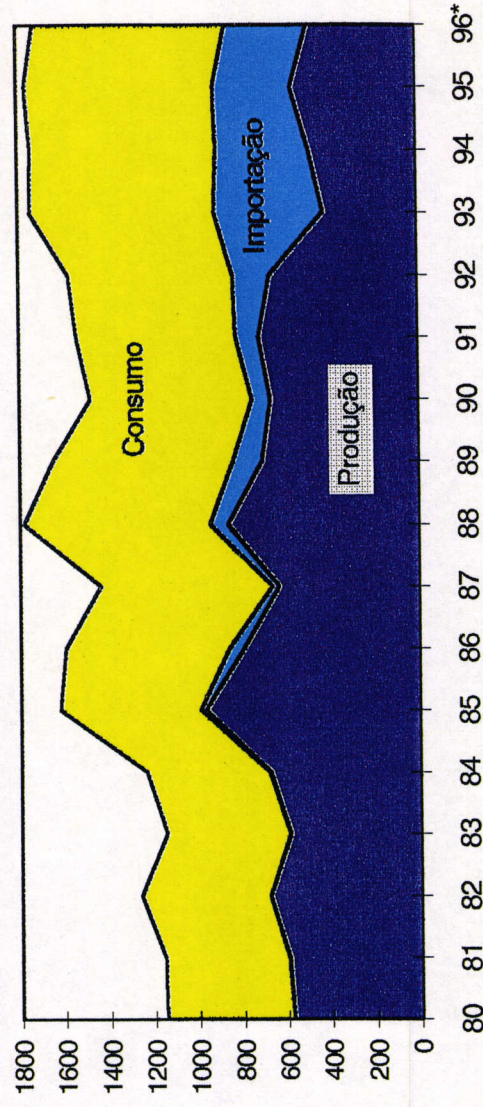
(*) valores previstos

TÊXTIL

Em termos gerais, observamos:

- ✓ redução da produção brasileira de quase 1 milhão de toneladas em 1985, para 420 mil toneladas em 1993, devendo atingir 486 mil toneladas em 1996;
- ✓ aumento substancial das importações, atingindo quase 500 mil toneladas em 1993. A previsão para 1996 é de 370 mil toneladas;
- ✓ crescimento do consumo a partir de 1993, mas praticamente situando nos mesmos níveis de 1988, devendo alcançar 850 mil toneladas em 1996; e,
- ✓ grandes oscilações no volume de exportações e estoques.

Gráfico 5
Produção, Importação e
Consumo de Algodão
1960/96



Fonte: CONAB

TÊXTIL

4.1. Produção

O pico da produção ocorreu em 1985 quando atingiu cerca de 960 mil toneladas, a partir daí vem reduzindo praticamente ano a ano, podendo ser atribuído a diversos fatores, como:

- por volta de 1986/87, a praga do bocado na lavoura nordestina reduziu drasticamente a produção dessa região;
- a partir de 1990, a queda da atividade econômica da ex-União Soviética ocasionou uma super oferta mundial de algodão, fazendo com que as ex-repúblicas soviéticas, como o Uzbequistão, passassem a exportar grande volume de suas produções;
- devido à super oferta mundial, no período 1991/92, os preços do algodão no mercado internacional caíram para US\$ 0,49 a libra-peso, incentivando a importação deste produto pelas empresas brasileiras.

No período 1994/95, este quadro começou a reverter, pois, vejamos:

- a elevação dos preços internacionais incentivou o aumento da produção interna em 1994/95.
- a escassez do produto a nível mundial e o aumento de produção interna contribuíram para a redução das importações brasileiras do pico alcançado em 1993. Como foi apresentado anteriormente, grandes produtores como Índia, China, Uzbequistão e Paquistão tiveram suas safras comprometidas pela infestação de insetos.

- assim, após atingir 420 mil toneladas em 1993, pior desempenho dos últimos 16 anos, a produção brasileira atingiu 565 mil toneladas em 1995, com um crescimento da ordem de 17% em relação ao ano anterior.
- apesar disso, a produção nacional atingiu um patamar de aproximadamente 42% do pico alcançado em 1985.
- em termos de consumo, em 1995 a produção brasileira de algodão foi suficiente para suprir apenas 66% de nossas necessidades, embora este indicador já tenha sido de 51% em 1993.

Em 1996, as perspectivas não são animadoras, pois:

- segundo estimativas da CONAB, haverá uma queda da área cultivada nesta última safra de aproximadamente 16%;
- a produção deverá apresentar um decréscimo de 14%.

4.2. Área Plantada

A área plantada de algodão que em 1981 ultrapassou 4,1 milhões de hectares, reduziu drasticamente para aproximadamente 1,3 milhões de hectares em 1995.

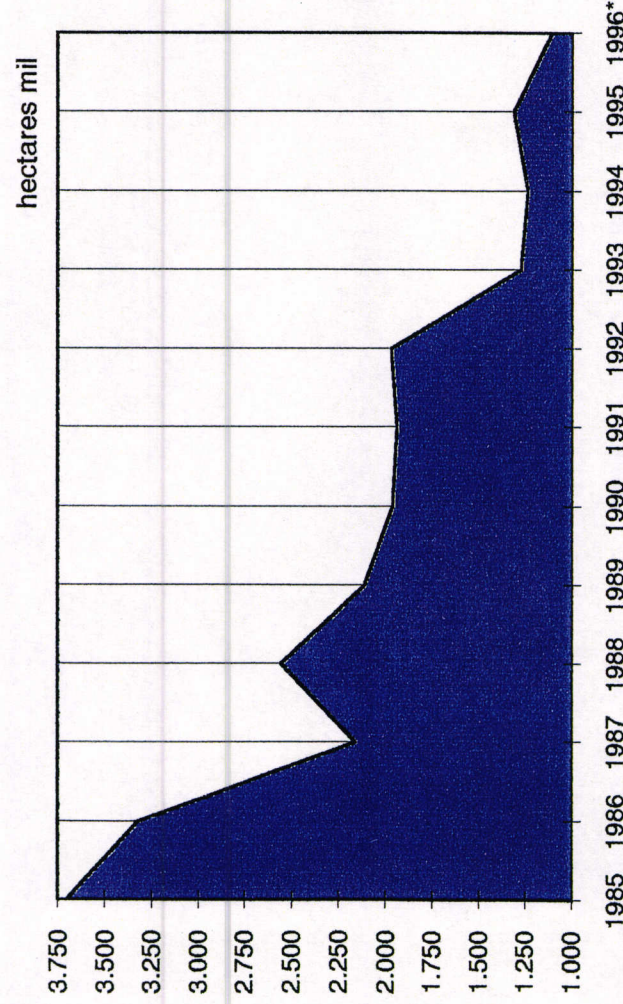
TÊXTIL

Conforme comentado anteriormente, esta queda brutal da cultura algodoeira decorre praticamente da quase extinção do cultivo do algodão na Região Nordeste, em decorrência da praga do bicudo, principalmente na safra de 1986/87.

A área plantada desta região, que atingiu cerca de 3,25 milhões de hectares em 1976/77, caiu para 1,2 milhão de hectares em 1986/87, devendo atingir apenas 562 mil hectares em 1995/96.

Também nos dois atuais principais estados produtores, Paraná e São Paulo, verifica-se uma forte tendência de queda no plantio. Em 1990, suas áreas plantadas, que eram em torno de 800 mil hectares (41% da área total brasileira), reduziram-se para apenas 454 mil hectares na safra 1995/96.

Gráfico 6
Área Plantada de Algodão no Brasil



TEXTIL

Os principais fatores determinantes para a redução da área plantada do algodão, além da praga do bico, foram: altos custos de produção, redução dos preços internacionais, facilidades nas importações e dificuldades de crédito para o plantio e colheita, uma vez que os maiores produtores são arrendatários e pequenos plantadores.

Tabela 5
Área plantada de Algodão no Brasil

Estados	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Piauí	156,0	112,4	83,1	83,1	62,1	55,3
Ceará	288,0	225,6	238,7	206,4	208,0	121,8
Rio G. Norte	104,5	114,8	45,0	16,5	49,0	56,2
Paraíba	80,0	99,8	86,8	37,2	28,7	36,9
Bahia	198,0	175,0	202,0	127,0	142,5	157,0
Minas Gerais	114,1	119,5	114,7	100,7	90,6	77,0
São Paulo	290,0	243,6	230,0	149,5	145,0	172,6
Paraná	510,5	571,8	709,0	371,0	241,0	282,0
Mato Grosso	43,0	71,0	57,0	60,0	72,6	72,6
Mato G. Sul	42,7	48,0	69,7	36,2	39,8	65,7
Goiás	47,2	51,9	55,0	38,5	52,7	65,9
Outros	89,8	105,4	80,2	51,0	105,8	148,0
Brasil	1.963,8	1.938,8	1.971,2	1.277,1	1.237,8	1.311,0

Fonte: BMF: Séries Históricas do Algodão

TÊXTEIL

Em 1994/95, as condições climáticas favoráveis, o aumento da produtividade e o acréscimo de preços levaram ao aumento da área plantada nos seguintes estados: Paraíba, Bahia, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás.

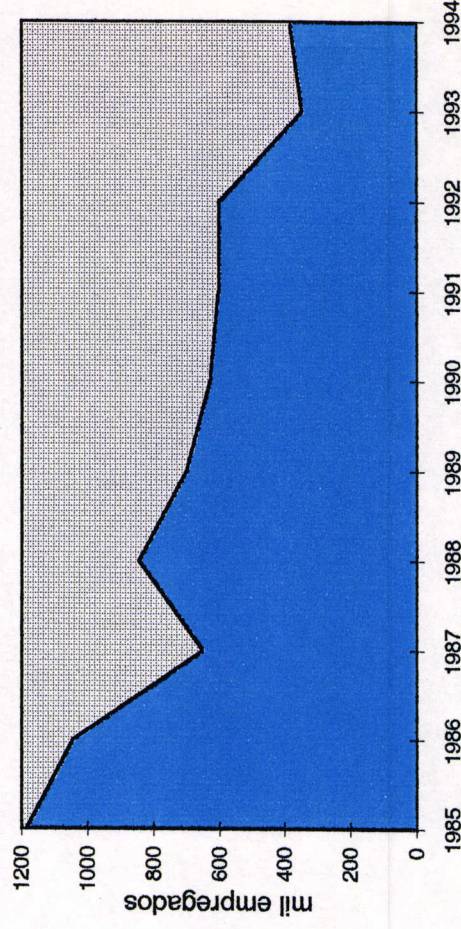
No entanto, a previsão para a safra de 1995/96 indica que a área plantada deverá sofrer uma redução da ordem de 16% em relação à safra passada, alcançando apenas 1.107 mil hectares, com queda nos principais estados produtores: Paraná (-28%), São Paulo (-25%), Minas Gerais (-35%) e Mato Grosso (-10%). Entretanto, crescerá em Goiás (+6%) e Mato Grosso do Sul (+10%).

Nos últimos 10 anos, a redução da área cultivada com algodão provocou um desemprego da ordem de 800 mil trabalhadores diretos, passando de 1.186 mil empregados, em 1985, para apenas 385 mil no ano passado, provocando um dos maiores êxodos rurais.

Isso se deve ao fato de que a cultura algodoeira no Brasil apresenta em sua maioria plantio e colheita manual, sendo, portanto, muito intensiva em mão-de-obra, onde em média 3 hectares são responsáveis pela geração de 1 emprego.

Gráfico 7

Mão-de-Obra Empregada na Cultura do Algodão



TEXTEL

4.3. Produtividade

Conforme espelha o gráfico 8, a produtividade brasileira está crescendo, em termos de produção por hectare plantado.

Observe-se que este indicador é calculado utilizando a produção de algodão em caroço, diferentemente dos dados mundiais apresentados anteriormente, uma vez que as estatísticas disponíveis são baseadas na produção de algodão em pluma.

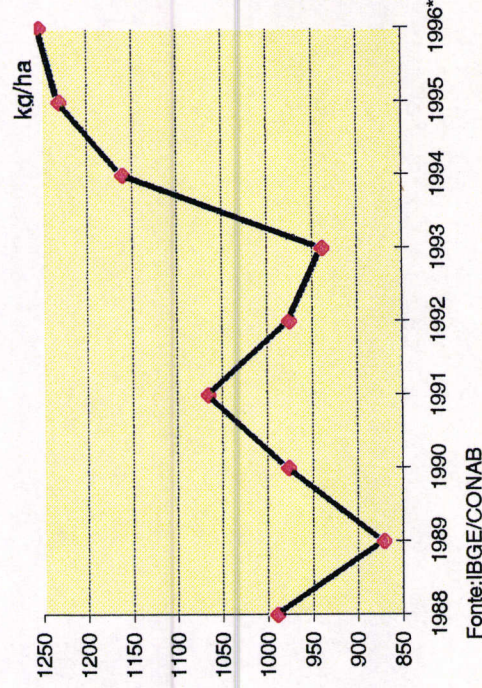
A média brasileira atingiu 1232 kg/ha em 1995, mas apresentando grandes oscilações por Estado (ver tabela 6).

Os maiores índices são encontrados nos Estados de Goiás (2.250 kg/ha) e Mato Grosso do Sul (1950 kg/ha), onde predominam extensas áreas com plantio e colheita mecanizados.

Paraná (1780 kg/ha) e São Paulo (1840 kg/ha) também apresentam relativamente bons indicadores, fundamentalmente pelas boas condições da terra, pois, nestes estados predominam os minifúndios com produção manual, com grande intensividade no uso da mão-de-obra.

Os piores indicadores são encontrados nos Estados das Regiões Norte e Nordeste, principalmente em Sergipe (151 kg/ha) e em Alagoas (217 kg/ha).

Gráfico 8
Produtividade de Algodão em Caroço no Brasil



TÊXTEL

Tabela 6
Produtividade de Algodão em Carvão no Brasil

ESTADOS	1990	1991	1992	1993	1994	1995*
Pará	570	570	590	590	590	590
Rondônia	1.600	1.600	1.500	1.500	1.550	1.400
Maranhão	260	260	260	400	400	0
Piauí	100	190	240	240	659	700
Ceará	220	310	140	70	410	303
Rio G. Norte	95	360	350	65	620	270
Paraíba	180	410	290	81	670	570
Pernambuco	150	190	192	39	335	569
Alagoas	215	310	310	40	300	217
Sergipe	265	200	170	40	300	151
Bahia Norte	500	650	620	310	0	0
Bahia/Sul	620	740	590	685	934	590
Minas Gerais	720	890	690	770	855	1.000
São Paulo	1.635	1.450	1.625	1.400	1.690	1.840
Paraná	1.680	1.720	1.350	1.390	1.785	1.780
Mato Grosso	1.355	1.475	1.500	1.600	1.680	1.530
Mato G. Sul	1.640	1.590	1.350	1.595	2.080	1.950
Goiás	1.770	1.900	1.535	2.000	1.980	2.250
Brasil	978	1.067	977	940	1.162	1.249

Fonte: BMF- Séries Históricas do Algodão e CONAB

Em termos mundiais, a produtividade brasileira é baixa, conforme descrito anteriormente, sendo de apenas 376 quilos de algodão em pluma por hectare portanto, muito abaixo da média mundial (583 kg/ha).

Na América do Sul, só supera o Equador (163 kg/ha) e o Uruguai (240 kg/ha) e está muito aquém dos Estados Unidos (794 kg/ha), Austrália (1619 kg/ha) e Israel (1517 kg/ha).

A baixa produtividade pode ser atribuída a vários fatores, como:

- baixa utilização de semente selecionada;
- precária utilização do manejo do solo;
- práticas culturais não adequadas; e,
- atualmente, grande parte do plantio é feito com a espécie IAC 20 que apresenta baixos rendimentos.

Além do Instituto Agrônômico do Paraná-IAC, que tem sido responsável pelo desenvolvimento das variedades nacionais, existe também o CNPA - Centro Nacional de Pesquisa do Algodão da EMBRAPA, o CODETEC e o IAPAR, no Paraná, e o Grupo Itamarati, no Mato Grosso, que vêm desenvolvendo novas variedades para a produção no Brasil, levando em conta o aumento da produtividade e o desenvolvimento de características intrínsecas compatíveis com os processos de transformação industrial.

TÊXTEIL

4.4. Importação

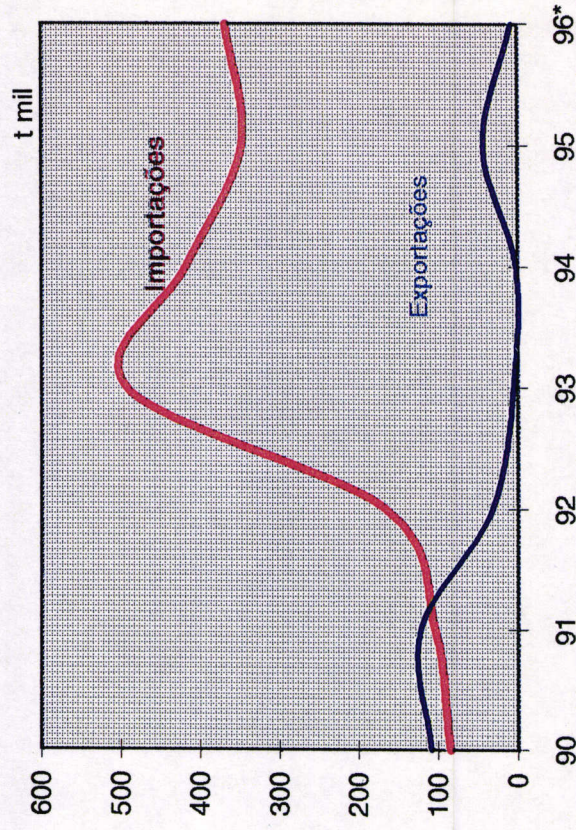
Em virtude da crise na lavoura algodoeira, o Brasil passou de grande exportador de algodão em pluma, já tendo sido responsável por aproximadamente 10% das exportações mundiais, para um dos maiores importadores.

As importações que no início dos anos oitenta eram praticamente nulas, participaram com 60% do consumo de algodão em 1993, 50% em 1994 e 41% em 1995.

O grande salto das importações ocorreu a partir de 1993, quando praticamente triplicou de valor, passando de US\$ 213 milhões, em 1992, para US\$ 647 milhões em 1993.

Em 1995, o Brasil foi o quinto maior importador mundial com 350 mil toneladas, atrás apenas da China (870 t mil), Indonésia (465 t mil), Coréia (385 t mil) e Japão (375 t mil), conforme informações da revista Cotton: Review of World Situation.

Gráfico 9
Importações e Exportações - 1990/95



TÊXTEIS

Em 1996, as previsões indicam que o consumo de algodão deverá atingir 870 mil toneladas, das quais 370 mil deverão ser importadas, sendo esta relação de 43%.

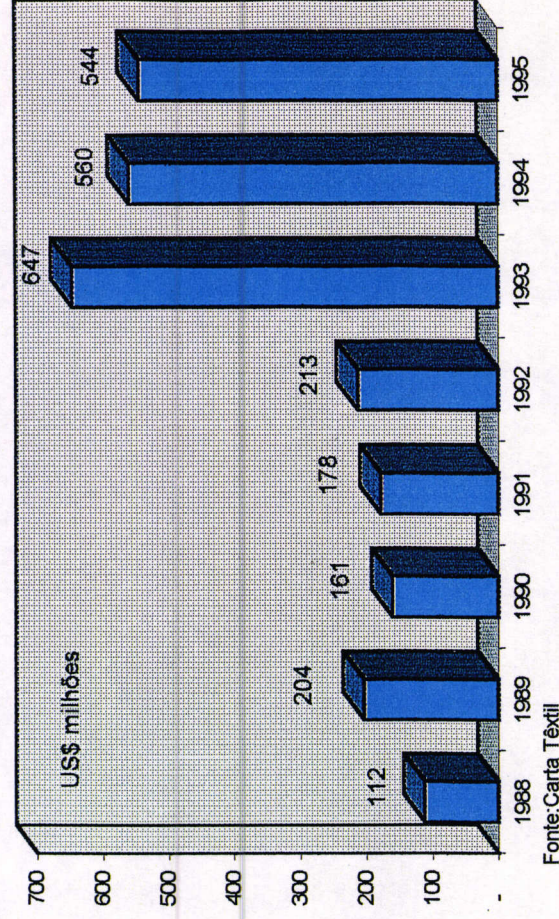
Até 1990, as importações eram originárias majoritariamente do Paraguai. Os demais fornecedores exportavam esporadicamente e em pequena quantidade, inclusive os Estados Unidos.

A partir do segundo semestre de 1991, a União Soviética começou a embarcar sistematicamente, chegando a superar o Paraguai em 1994.

Os Estados Unidos começaram a operar com destaque a partir de 1993, ocupando o 3o a partir de então até a presente data. Em 1995, foi responsável por 14,2% do valor das importações totais.

Este país é objeto de crítica dos produtores nacionais face ao programa de incentivos à produção e exportação do algodão de fibras médias, culminando na solicitação junto ao MICT/SECEX de abertura de processo de investigação de subsídios.

Gráfico 10
Importações Brasileiras de Algodão



T Ê X T I L

Através da Circular no 12, de 29/02/96, da Secretaria de Comércio Exterior, foi encerrado o processo em questão, cuja conclusão transcrevemos a seguir:

“ A investigação conclui pela determinação da existência de subsídios à produção e à exportação de algodão concedidos pelo Governo Norte-Americano, bem como pela existência de dano à produção doméstica do produto similar. Contudo não se determinou a relação casual entre os referidos subsídios e dano à produção brasileira de algodão.

Não se pode negar que a cotonicultura brasileira sofreu profundamente os reveses do processo de abertura econômica associada à crise do mercado mundial de algodão. Situação agravada por problemas estruturais da economia brasileira, principalmente a diferença entre os custos financeiros interno e externo, facilitando as importações através de financiamentos a prazos superiores a 180 dias.

Durante o biênio 92/93, diante de uma situação extremamente desfavorável, caracterizada pela falta de proteção tarifária e um mercado de prognósticos pessimistas, os produtores nacionais reduziram a produção abrindo espaço para o algodão estrangeiro. Neste contexto as importações cresceram como um todo, tanto dos EUA como das mais diversas origens. A imposição de direitos compensatórios porque os EUA possuem uma política de subsídios explícita e às claras carece de respaldo junto ao Acordo de Subsídios e Medidas Compensatórias, já que o dano deve estar associado com às importações de produtos beneficiados por subsídios”.

TEXTEL

Tabela 7
Origem das Importações - 1995

País	US\$ milhões	%
Paraguai	153.892	28,3
Uzbequistão	112.440	20,7
Estados Unidos	77.299	14,2
Argentina	70.483	12,9
Bine	43.846	8,1
Rússia	24.994	4,6
Ali	16.641	3,1
Togo	12.852	2,4
Camarões	12.361	2,3
Grécia	5.479	1,0
Azerbaijão	5.252	1,0
Egito	2.642	0,5
Senegal	2.532	0,5
África do Sul	1.652	0,3
Outros	2.108	0,4
Total	544.471	100,0

Fonte: SECEX

Em resumo, as vantagens do produto importado em relação ao nacional, são:

• queda das alíquotas de importação: em 1988 era da ordem de 55% e atualmente está em 3%, sendo que em 1999 ocorrerá a convergência para a Tarifa Externa Comum de 6%.

• prazos de pagamento de 180 a 360 dias das importações, ao passo que nas compras internas o prazo médio gira em torno de 10 dias; e,

• diferença da taxa de juros interna e externa;

TÊXTIL

5. PONTOS FORTES E FRACOS DA COTONICULTURA NO BRASIL

Pontos Fortes	Pontos Fracos
👉 Forte participação no consumo de fibras utilizadas pela indústria têxtil (60% em 1995).	👉 Baixa qualidade devido a uso limitado de sementes selecionadas, condições de colheitas, armazenagem e descaroçamento.
👉 Alta rentabilidade, considerada superior a outras culturas como milho e soja.	👉 Baixa produtividade.
👉 Geração de 385 mil empregos diretos	👉 Processos de produção ultrapassados 👉 Sistema de produção baseado em pequenos produtores sem condições de emprego de tecnologia. 👉 Mão de obra escassa e não qualificada, composta em sua maioria por bóia-fria.
👉 Terras e condições climáticas apropriadas ao cultivo do algodão.	👉 Colheita manual praticada em condições inadequadas. 👉 Uso deficiente no combate de pragas. 👉 Inexistência de um sistema eficiente de extensão rural.
👉 Geração de tecnologia desenvolvida pelo IAC, EMBRAPA e IAPAR.	👉 Dificuldade de acesso a financiamentos. 👉 Custos financeiros elevados.

TÊXTEL

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A competitividade do setor têxtil brasileiro implica em reestruturação de todos os elos da cadeia produtiva, desde o segmento de fibras, tanto naturais como artificiais e sintéticas, passando pela indústria têxtil propriamente dita: fiação, tecelagem e acabamento, e, finalizando na confecção.

Tendo em vista que o algodão é a principal matéria-prima utilizada na indústria têxtil, responsável por 60% do consumo total de fibras naturais e químicas, consideramos que é de extrema importância que sejam realizadas diversas ações com o objetivo de reverter o quadro crítico da cotonicultura brasileira, tanto sob o prisma social como econômico.

As principais ações recomendadas para o aumento da produção algodoeira brasileira, tanto a nível governamental como empresarial, são:

- adoção de técnicas modernas de plantio e colheita;
- mecanização do processo, no plantio e na colheita;
- intensificação do combate às pragas, a exemplo do bicudo;
- maior integração entre os diversos elos da cadeia produtiva, principalmente estreitando as relações clientes/fornecedores de algodão;
- intensificação de pesquisas em busca de sementes que proporcionem maior produtividade e com características intrínsecas necessárias ao processo de transformação industrial;

TEXTIL

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- divulgação das técnicas e normas de classificação do algodão a nível do produtor;
- melhoria do sistema de comercialização baseado nas características da fibra;
- treinamento da mão-de-obra;
- melhoria das condições do descaroçamento, através de investimentos em tecnologia e modernização das máquinas de beneficiamento do algodão; e,
- retomada das ações de extensão agrícola para transferência da tecnologia de produção para o campo.

Ressalte-se que a eliminação do ICMS nas exportações de produtos primários e semi-elaborados, além da aquisição de equipamentos, recentemente aprovada pelo Congresso Nacional, constitui um grande estímulo ao aumento da produção de algodão e retomada das exportações deste setor.

TÊXTIL

ÁREA DE PROJETOS DE OPERAÇÕES 1

DIRETOR

Eduardo Rath Fingerl

SUPERINTENDENTE

Wagner Bittencourt de Oliveira

Elaboração: GERÊNCIA DE ESTUDOS 2 - GESET2

MARIA HELENA DE OLIVEIRA -

Gerente

Adriana Araújo Beringuy -

Estagiária

Editoração e Apoio Administrativo

Cristina Turano

Rio de Janeiro, Outubro de 1996

Maiores informações:

Telefone: (021) 277-7805

Fax: (021) 240-3478

E-mail: mhelena@bndes.gov.br

É permitida a reprodução parcial ou total deste artigo desde que citada a fonte.